HISTÓRIA E ROMANCE: A IDÉIA DE HISTÓRIA EM *AS AVENTURAS DE TELÊMACO* E AS RELAÇÕES ENTRE O TEXTO HISTÓRICO E A PROSA FICCIONAL NA PASSAGEM DOS SÉCULOS XVII-XVIII

João Paulo Martins

Resumo

O romance moderno emerge na passagem do século XVII para o XVIII, tornando-se nesse último um gênero literário que cai no gosto dos leitores. Esse texto pretende analisar as relações entre a prosa ficcional, o romance e seu aspecto realista, e a narrativa histórica feitas nesse período; bem como a manifestação dessas relações no romance pedagógico *As Aventuras de Telêmaco* de Fénelon, um dos romances mais lidos durante todo o século XVIII. Pretende-se também analisar a idéia de história presente neste romance e o seu diálogo com as concepções de história no Antigo Regime.

Palavras-chave: Romance; Escrita histórica; Idéia de história.

HISTORY AND ROMANCE: THE CONCEPT OF "HISTORY" IN "AS AVENTURAS DE TELÊMACO" AND THYE RELATIONSHIPS BETWEEN THE HISTORICAL TEXT AND THE FICTIONAL PROSE BETWEEN THE XVII AND THE XVIII CENTURIES

Abstract

The novel rises in the passage of 17th to 18th century, becoming a literary genre that captivates readers from 18th century on. This article intends to analyse the relationships beteween fictional prose, novel and its realistic side, and historic narrative written at that time. It is as well intended to analyse the manifestation of these relationships in the pedagogical novel *As Aventuras de Telêmaco* by Fénelon, which is one of the novels most read throughout the 18th century. At last, the following paper plans to enquiry the idea of history existing in this novel and its dialogue with the conceptions of history at the *Ancien Régime*.

Keywords: Novel; Historical writing; Idea of history

HISTORIA Y NOVELA: LA IDEA DE HISTORIA EN LAS AVENTURAS DE TELÉMACO Y LAS RELACIONES ENTRE EL TEXTO HISTÓRICO Y LA PROSA DE FICCIÓN EN EL PASAJE DE LOS SIGLOS XVII-XVIII

Resumen

La novela moderna emerge en el pasaje del siglo XVII para el XVIII, tornándose en ese último un género literario que cae en el gusto de los lectores. Ese texto pretende analizar las relaciones entre la prosa de ficción, la novela y su aspecto realista, y la narrativa histórica hechas en ese período; bien como la manifestación de esas relaciones en la novela pedagógica Las Aventuras de Telémaco de Fénelon, una de las novelas más leídas durante todo el siglo XVIII. Se pretende también analizar la idea de historia presente en esta novela y su diálogo con las concepciones de historia en el Antiguo Régimen.

Palabras-clave: Novela; Escritura histórica; Idea de historia.

Dos romances mais lidos durante todo o século XVIII, está, sem dúvida, *As Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon. Este romance francês alcançou em seu país de origem, pelo resto da Europa e mesmo na América, grandes números de edições e traduções. O fenômeno editorial das *Aventuras de Telêmaco* iniciou-se em 1699 quando saiu do prelo o *Suite du quatrième livre de l'Odyssée d'Homère ou les Aventures de Télémaque* (Continuação do quarto livro da Odisséia de Homero ou as Aventuras de Telêmaco). Essa primeira impressão, ainda incompleta, veio anônima ao lume, entretanto, rapidamente reconheceu-se ser Fénelon o seu autor. Devido às críticas implícitas ao governo de Luís XIV que podiam ser vistas na obra, foi revogado o seu privilégio editorial e tentou-se retirar de venda os volumes restantes. Contudo, algumas semanas mais tarde, já com o texto completo, o *Telêmaco* passou a ser impresso clandestinamente na França e em alguns impressores estrangeiros. Em 1717, quando Fénelon já estava morto, seu sobrinho, o marquês de Fénelon, organizou a obra em 24 livros, a mesma quantidade da Ilíada e da Odisséia e foi esta organização que atravessou mais de cem anos de um enorme sucesso.

No mundo luso-brasileiro, a presença do romance de Fénelon foi marcante. A primeira tradução para a língua portuguesa é de 1765 feita pelo bacharel José Manuel Ribeiro Pereira, a seguir vieram outras traduções[1]. Em 1770 saiu a tradução do capitão Manuel de Sousa, suprindo o esgotamento da edição anterior e defendendo que realizara uma versão mais fiel ao texto original, pois o anterior havia feito "mais uma nova composição do que uma versão fiel"[2]. A polêmica dos tradutores continuou e, além de reedições das versões anteriores, o *Telêmaco*

[1]CRISTOVÃO, Fernando Alves. Presença de Fénelon no Espaço Literário Luso-Brasileiro: subsídios para um estudo. Paris: Fondation Calouste Bulbenkian, 1983.

[2] "Prólogo do tradutor" apud. Ibidem, p. p.137.

conheceu em 1785 uma edição anônima, da Tipografia Rolandiana, em que o editor defende que o texto do capitão Manuel de Sousa, pretendendo ser fiel, acaba por utilizar-se demasiadamente de termos antiquados e a deixar-se "arrastar por uma louca vaidade e capricho de ostentar muito boa lição portuguesa". Essa nova edição aproveita-se do texto anterior, entretanto, utiliza-se de novos caracteres tipográficos e faz emendas no texto de maneira a torná-lo mais acessível ao leitor[3].

Finalizando a enorme importância e influência do romance de Fénelon, vale ressaltar o surgimento de vários outros romances diretamente influenciados pelo *Telêmaco*, textos que imitavam o modelo ficcional de Fénelon, mantendo algumas de suas máximas, mas criando novas soluções, dependendo de seus objetivos e do seu ambiente de concepção. Exemplo desses "romances de imitação" é *Il Platone in Italia*, de Vicente Cuoco, que teve por objetivo dar a conhecer a filosofia pitagórica e a Itália. O principal representante, no universo luso-brasileiro, são as *Aventuras de Diófanes*, da escritora luso-brasileira Teresa Margarida da Silva Horta; seu texto foi inicialmente chamado *Máximas de Virtude e Formosura*, mas a narrativa teve seu título definitivo como *Aventuras de Diófanes, Imitando o Sapientíssimo Fénelon na sua Viagem de Telémaco*[4], em que não deixa dúvidas acerca de sua matriz literária. Teresa Margarida segue o modelo francês em vários aspectos, como a dinâmica dos personagens e a ambientação espaço-temporal da narrativa, entretanto propõe reflexões originais, mais diretamente ligadas ao contexto português, e uma inovadora visão acerca dos direitos e papéis da mulher dentro da sociedade.

---

[3] CRISTOVÃO, Fernando Alves, op. cit., p.136-139.

[4] Aventuras de Diófanes, Imitando o Sapientíssimo Fénelon na sua Viagem de Telêmaco, por Dorothea Engrassia Tavareda Dalmira, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1777.

A presença das *Aventuras de Telêmaco* na América portuguesa também foi impressionante. Fénelon conseguiu ser o autor de Belas Letras mais lido, ou pelos menos cujo livro fora mais requisitado, durante várias décadas no Brasil colonial. Analisando as obras de Belas Letras que tinham por destino o Rio de Janeiro, mediante os pedidos dos cariocas à Real Mesa Censória, Márcia Abreu encontrou, entre 1769 e 1807, 38 pedidos para o romance francês entre versões originais, traduções e adaptações; já no período de 1808 a 1826, o *Telêmaco* recebeu 65 solicitações. Em ambos os períodos, foi disparadamente a obra mais solicitada. Vale lembrar que esses pedidos com destino ao Rio de Janeiro foram, em vários casos, realizados por livreiros que, em apenas uma solicitação, faziam remeter para o Brasil vários exemplares da obra e, por vezes, a comerciavam com outros pontos do país[5]. *Les Aventures de Télémaque* foi o romance de maior presença na circulação legal de livros entre, de um lado, Portugal e, de outro, Rio de Janeiro, Bahia e Maranhão, entre 1769 e 1800, e Brasil, entre 1769 e 1821. *Les Aventures de Telemaque*, ainda, em versões em francês, português e espanhol, achava-se em ao menos 10 das 53 remessas de livros, realizadas por livreiros e donos de bibliotecas, sob o crivo da censura, saindo de vários portos do Brasil para Portugal, entre 1769 e 1821[6].

As Aventuras de Telêmaco foi a obra pela qual Fénelon ficou particularmente conhecido. A narrativa se passa contando os caminhos e descaminhos percorridos por Telêmaco em busca de seu pai, Ulisses, que, mesmo após a vitória dos gregos contra Tróia, não retorna à Ítaca, cidade grega da qual é o rei. Estando

[5] ABREU, Márcia Os Caminhos dos Livros. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.

[6] VILLALTA, Luiz Carlos. Os Romances e os Livros de Belas Letras na Circulação livreira entre Portugal e as Capitanias Setentrionais da América Portuguesa (1769-1821): alguns aspectos quantitativos. I Colóquio Internacional de História do Livro e da Leitura do Ceará [Comunicação], realizado de 29 a 30 de maio de 2004, p. 15.

Penélope, mulher de Ulisses, pressionada constantemente por vários outros nobres de Ítaca a receber um novo esposo, para dar assim um novo rei à cidade, seu filho parte em busca do pai pelos mares gregos como forma de garantir a honra da rainha e restabelecer a ordem e o bom governo na cidade. Telêmaco segue, então, juntamente com o seu tutor, Mentor (na verdade a deusa Minerva travestida em um velho), na busca de seu pai. Após passar Pilos, onde se encontrou com Nestor, e pela Lacedemônia, onde fora recebido por Menelau, dois reis que juntamente com Ulisses haviam lutado no cerco de Tróia e dos quais não obteve nenhuma informação concreta sobre o paradeiro de seu pai, Telêmaco decide partir para a Sicília, para onde havia suspeitas de que seu pai tivesse sido enviado pelos ventos. A partir de então, Telêmaco passa por várias regiões e situações por vezes hostis e, em outros momentos, favoráveis à sua presença.

O enredo do romance é estruturado de maneira a aproveitar-se das viagens de Telêmaco para se ensinarem noções de geografia das localidades pelas quais se passava, sobre os recursos naturais existentes e a forma pela qual eram utilizados (ou de melhor se fazer uso deles); traz também uma descrição de costumes diferentes, das formas de governo e das práticas religiosas de cada lugar pelo qual se passava ou do qual se falava em algum diálogo. Dessa forma, Fénelon aproveitava-se da narrativa para dar a seu pupilo noções da cultura clássica, geografia, história e, principalmente, oferecer ao futuro soberano de França uma formação moral e política de acordo com os princípios nos quais acreditava o arcebispo de Cambrai. A negação de praticamente todos esses princípios constituía-se pelo governo praticado por Luís XIV.

A estruturação do romance na forma de uma narrativa de viagens coincide com um tipo de literatura que se tornou muito popular e lida na Europa na segunda metade do século XVII, a literatura de viagens.

> Gênero literário de fronteiras indecisas, cômodo porque nele tudo se podia versar; dissertações eruditas, catálogos de museus ou histórias de amor, a Viagem triunfava. Podia ser uma relação pesadona, toda repleta de ciência; ou um estudo psicológico; um romance puro; ou então tudo ao mesmo tempo. Uns criticavam-na, outros elogiavam-na; mas elogios e críticas, tudo mostrava o lugar importante que tinha alcançado e como já se não podia dispensar[7].

Dessa forma, utilizando-se do formato de literatura de viagens, produziram-se várias obras que pretendiam narrar uma viagem real a lugares exóticos para o padrão da Europa Ocidental no momento, como o norte europeu, os reinos orientais ou as comunidades indígenas nas Américas. Tais livros se tornaram obras que supriam a necessidade de informação demandada pelo público europeu acerca dos diferentes costumes, religiões, modelos políticos e sobre a geografia e natureza do local descrito. Entretanto, mesmo nestes textos supostamente "reais" ou que pelo menos assim se apresentavam, percebe-se que o artifício muitas vezes utilizado era o de promover analogias entre as localidades descritas e o panorama europeu contemporâneo e se exercer dessa forma uma crítica às ortodoxias políticas e religiosas que pretendiam ser únicas na Europa:

> É perfeitamente exacto afirmar que todas as idéias vitais, a de liberdade, a de justiça, foram repostas em discussão pelo exemplo do longínquo. Primeiro, porque em vez de reduzir facilmente as diferenças a um arquétipo universal, se verificou a existência do particular, do irredutível, do individual. Depois, porque às opiniões aceites se podiam opor os fatos da experiência, postos sem custo ao alcance dos pensadores. Às provas de que se tinha necessidade quando se queria contradizer tal ou tal dogma, tal ou tal crença cristã, e que era preciso procurar incomodamente

[7] HAZARD, Paul. Crise da Consciência Européia. Trad. Óscar de Freitas Lopes. Lisboa: Edições Cosmos, 1971,p.18.

> nas reservas da antiguidade, vieram juntar-se provas novas, frescas e brilhantes: ei-las trazidas pelos viajantes, ao alcance da mão.[8]

Assim, dentro de uma obra desse tipo nunca se poderia pretender que a descrição feita pelo autor fosse ingênua. Os exemplos políticos dos lugares longínquos visavam deliberadamente realizar uma crítica principalmente às monarquias européias, em especial à sua vertente absolutista; da mesma forma, os costumes religiosos de orientais ou outros povos eram confrontados com o dogmatismo católico, mostrando-se ser uma religião mais pura, sem ritualismo e, principalmente, sem padres ou representantes que pudessem ser perniciosos à mais pura piedade[9].

O gênero popularizou-se de tal forma que abundaram obras que afirmavam ser, por exemplo, fruto de um diário de viagens de algum navegante a qualquer lugar imaginário. Assim, a ficção procurava manter um laço com a realidade, dando ao leitor ao menos a dúvida se os excêntricos costumes eram reais ou não. Observa-se, portanto, uma quase indiferenciação entre as narrativas oriundas de viagens reais e aquelas totalmente imaginárias quanto à situação de, aos olhos dos leitores, estarem narrando fatos e costumes reais ou não. As primeiras recebiam da mão de seu autor um toque ficcional, seja para realizar a crítica que dissemos, seja para provocar um maior interesse no leitor ao relatar anedotas da terra distante que, às vezes, eram claramente irreais.

A literatura de viagens constituiu-se, então, num gênero vago, oscilando entre a pura ficção e aqueles que pretendiam fazer um fiel relato de diferentes culturas que habitam o planeta. O que é inegável foi a disseminação, através desses livros, de princípios como a relativização dos conceitos europeus. Sendo reais ou não,

[8] Ibidem, p. 20.

[9] Ibidem, loc. cit.

os reis longínquos demonstravam ter uma sabedoria muito maior que os europeus, os diferentes conhecimentos em várias áreas mostravam-se ser mais eficientes, ou seja, os dogmas, em todas as suas formas, enfraqueciam-se e a estática consciência européia recebera um choque por meio do confronto com diferentes culturas.

No romance que é nosso objeto nesse estudo não existe, claro, essa pretensão de que a história narrada seja verídica, sua prosa é ambientada no mundo grego da Antiguidade, e com as referências mitológicas comuns à literatura antiga. Entretanto, a crítica que empreende aos costumes, à política e à religião é da mesma espécie que o modelo das literaturas de viagens proporcionavam, bem como a modernidade de suas idéias é também consoante com muitas daquelas professadas pela "intelectualidade" do período. Como se verá mais à frente, Fénelon faz uso da ficção não só para instruir o seu pupilo, mas também para, nessa instrução, realizar de uma forma alegórica, uma crítica daqueles costumes que considerava perniciosos e apresentar as suas soluções. Essa é uma das características que permite classificar *As Aventuras de Telêmaco* no número daquelas obras que inauguram o romance moderno, a saber, uma linguagem referencial ligando as idéias professadas e a realidade vivida. Ao contrário da prosa ficcional anterior ao romance moderno (*novel*), identificada como *romanesco*, em que os elementos mágicos ou imaginários seguiam um esquema já estabelecido e tinham por objetivo principal o entretenimento do leitor, não se fazendo necessária a menor ligação entre lugares, situações, acontecimentos ou idéias e o contexto histórico, o romance moderno, em casos como o de *As Aventuras de Telêmaco*, faz uso desses artifícios imaginários ou fantásticos, incorporando-os numa literatura que carrega idéias modernas dialogando com o contexto histórico e, ao mesmo tempo, afeitas ao gosto dos leitores que apreciavam tais elementos

na literatura[10]. Não se pode esquecer também das escolhas feitas pelo autor, pois Fénelon, como é sabido, foi um grande conhecedor e apreciador da Antigüidade, não sendo casual a sua escolha por essa época na ambientação de sua obra.

A moral constantemente explicitada no texto pelas falas dos personagens ou mesmo colocada em ação pelo enredo da narrativa era um dos aspectos que Fénelon pretendia que fossem apreendidos da leitura de sua obra. As idéias veiculadas no romance tinham implicações políticas e religiosas também. Fénelon acreditava na pedagogia como meio de formar novos cidadãos e novos governantes, promovendo assim uma reforma total da sociedade em que vivia; e, especificando seus métodos, a literatura seria um excelente instrumento pedagógico. Na verdade, a preocupação com a educação no período não era específica de Fénelon. A crise provocada nas mentes européias devido ao conflito que se acentuava entre diferentes concepções, tradicionais e modernas, como o choque das posturas religiosa e laica, a tentativa dos monarcas de reafirmarem os deveres dos súditos enquanto estes reivindicavam novos direitos, os valores do sobrenatural a fincar o pé contra o avanço daqueles do quotidiano, do homem mundano por excelência[11]. Dentro dessas tendências opostas, existiam, é claro, meandros em que os homens podiam se posicionar, e a educação tornava-se prioridade no objetivo de manter os valores e quadros tradicionais ou tentar substituí-los.

Pretende-se, então, mediante a análise das idéias contidas em *As Aventuras de Telêmaco*[12] verificar o diálogo de

---

[10] VASCONCELOS, Sandra G. T. A formação do romance inglês: ensaios teóricos, Tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2000, p.80.

[11] HAZARD, Paul, op. cit.

[12] Usei para este estudo a tradução portuguesa de 1785. Todas as citações serão referentes a essa edição: Aventuras de Telêmaco, Filho de Ulisses, por Francisco de Salignac da Motha Fénelon, Arcebispo, e Duque de Cambraia, &c. Traduzidas do Francez em Portuguez com hum discurso sobre a Poesia Épica, e

Fénelon com essas conflituosas idéias que vicejavam no período, particularmente suas idéias sobre a história.

A classificação bibliográfica entre finais do século XVII e XVIII dividia as obras em cinco categorias maiores: teologia e religião, direito e jurisprudência, história, ciências e artes, e belas-letras[13]. Dentro dessa classificação, ideal como todas, havia aquelas obras que oscilavam entre uma categoria e outra. A literatura de viagens se situaria na categoria maior "história", entretanto os romances caberiam às "belas-letras". *As Aventuras de Telêmaco* se situa, nesse esquema, no âmbito das belas-letras, mas a colocação das "viagens" no campo da história merece um comentário. A história reunia tudo aquilo que se relacionava com o saber nas sociedades humanas em que "reina sobre o conjunto, com a sua divisão canônica, história sagrada-história profana, a preponderância cultural da Antiguidade, o modelo de narrativa moral à Tito Lívio"[14], e possuía como subgêneros a cronologia, a diplomática e "o inventário do espaço – aquilo que não é ainda a geografia, mas as 'viagens'"[15]. Assim, as "viagens" serviam como fonte de informação daquele espaço que não era europeu, freqüentemente identificado como "selvagem" e que servia como uma comprovação contemporânea da "infância do homem". Essas idéias se desenvolveram melhor no século XVIII, existindo uma corrente de pensamento que, explicando a história dos homens (europeus) de um ponto de vista evolucionista, relegaria estes "selvagens" não-europeus a um estatuto inferior; por não terem evoluído, principalmente a sua razão, não teriam uma história, permaneciam no patamar primeiro do estágio humano.

Excellencia do Poema de Telêmaco, e Notas Geograficas, e Mythologicas para intelligencia do mesmo Poema. Lisboa, NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA. 1785. Com licença da Real Meza Censoria.

[13] FURET, François. A "Livraria"do Reino de França no século XVIII. In: A Oficina da História. Lisboa: Gradiva, 1986, p.137-173

[14] FURET, François. O nascimento da história. In: op. cit. p.115.

[15] Ibidem, p.115.

A literatura que se pode chamar propriamente de história dita passava então por um momento de extrema desconfiança quanto ao conhecimento por ela produzido. Os escritores de obras de história, desde finais do século XVII, eram constantemente identificados como bajuladores e mentirosos, pois seus livros visavam antes de tudo a agradar ao soberano para o qual trabalhavam, enaltecendo os feitos do monarca, principalmente os feitos guerreiros e, no mais, não passariam de crônicas relatando algumas anedotas da corte[16]. A crítica textual, o método de análise de fontes ou a erudição que traria à história um estatuto melhor no campo do conhecimento já se desenvolvia desde meados do século XVII, entretanto os seus avanços e descobertas não foram nesse momento incorporados pelos historiógrafos, que estavam muito mais preocupados com o aspecto textual de suas obras que com uma "certeza" ou comprovação empírica daquele conhecimento que produziam. Essas novidades advindas das técnicas da erudição, com efeito, estavam, *sobretudo em contradição com aquilo que representa a história para a tradição clássica e que não passa de um anexo das belas-letras: uma bela narrativa no modelo de Tito Lívio ou de Tácito*[17]. O texto histórico era encarado e concebido, então, sobretudo como uma obra de arte: *mais vale empregar o tempo na composição e arranjo dos factos da história que procurá-los; mais vale também pensar na beleza, na força, na nitidez e na brevidade do estilo, do que parecer infalível em tudo o que se escreve*[18].

Assim, a matéria da história constituía-se principalmente de narrativas de guerras e exaltação de discursos

[16]FURET, François, op. cit., p.109-135; GUSDORF, Georges. La Connaisssance Historique. In: L'avènement des sciences humaines au siècle des lumières. Paris: Payot, 1973, p.371-428; e HAZARD, Paul. op. cit, p.33-49.

[17] FURET, François, op. cit., p.115.

[18] VARILLAS. Histoire de François I, 1684, apud HAZARD, Paul. op. cit, p.35.

proferidos por aqueles grandes homens que se queriam agradar com o texto. A narrativa histórica constituía-se de um drama, uma encenação em que desfilavam heróis, vilões, conjurações etc. Desta forma, percebe-se quão tênue era, na época, a linha que dividiria o texto histórico de uma literatura beletrística.

Encontrar-se-á novamente essa aproximação se pensarmos em quais seriam os objetivos desses textos quanto aos seus leitores, quanto à formação que se esperava conseguir mediante a sua leitura. Os historiógrafos tinham clara percepção a esse respeito, pois entendiam que "*a história é uma escola de moral, um tribunal soberano, um teatro para os bons príncipes, um cadafalso para os maus. Ensina a conhecer os caracteres, porque é 'uma anatomia das acções humanas'*"[19].

Como já víamos dizendo, o método pedagógico da obra de Fénelon valia-se também do uso de exemplos e situações vividos pelos personagens de seu romance, uma forma de se colocar em ação a moral ou os preceitos que pretendia que fossem apreendidos. Para esse objetivo, o romance parecia, na opinião de vários autores, mais efetivo que a história, pois permitiria que fossem abordadas várias situações da vida do personagem, tanto as virtuosas como as viciosas, enquanto a história narraria apenas os fatos maiores e gerais ou seria freqüentemente o louvor de um herói (rei). Por esta maneira escolhida para se desenvolver a educação do leitor, pode-se começar a definir uma concepção de história subjacente ao romance do arcebispo de Cambrai. O tutor de Telêmaco, Mentor (que na verdade era a deusa da sabedoria, Minerva, protetora da cidade de Ítaca e do sábio Ulisses) se aproveita dos vários exemplos de vidas individuais e dos governos de cada uma das cidades pelas quais os dois passam à procura de Ulisses ou mesmo por alguma fatalidade, para deles tirar ensinamentos úteis à formação do jovem como um futuro governante ou mesmo para a sua vida como homem. Assim, a

[19] HAZARD, Paul. op. cit., p. 35. (Itálico meu).

experiência humana é posteriormente sintetizada em palavras servindo como preceitos úteis à vida. Essa forma de se utilizar a experiência humana no tempo, a história, não difere da fórmula tradicional à época: da história mestra da vida, como foi descrito anteriormente. Existe também uma outra forma, no romance, de se unir conhecimento e a experiência humana. Desde o início de suas aventuras Telêmaco já tem conhecimento de vários preceitos defendidos por Mentor para se realizar um bom governo e que esses seriam regras que deveria seguir quando subisse ao trono de Ítaca. Dentre estes, de um lado, o combate ao fausto, ao luxo, à ociosidade e, de outro, a valorização da vida rural e da agricultura, o estabelecimento de relações pacíficas com os Estados vizinhos e, ainda, outros, que serão melhor analisados à frente. Tais preceitos são testados durante toda a narrativa em que invariavelmente se prova o sucesso dos governos quando eram seguidos, e o fracasso dos soberanos e de seus Estados, quando eram contrariados. O sábio Mentor reformou a cidade de Salento orientando o seu rei Idomeneo, que a vinha governando de maneira inadequada. Nessa reforma, utilizou-se daquelas normas que defendia e obteve grande sucesso; ao final, Mentor declarou que o bem que realizara tinha sido menos pelo sentimento a Idomeneo e à sua cidade que para mostrar a Telêmaco que o governo por ele idealizado sempre alcançaria sucesso.

Com o intuito de pulverizar com a idéia de otimismo defendida por alguns pensadores em sua época, Voltaire utiliza um artifício semelhante em seu romance *Cândido*. Nessa narrativa, Cândido aprendera, com seu amigo e filósofo Panglos, o pensamento otimista que defendia que este era o melhor dos mundos possíveis. Cândido confiou plenamente nessa doutrina enquanto viveu no castelo da Vestfália e, a partir do momento que foi expulso dessa morada, seus infortúnios com o mundo e com os homens concorreram para provar-lhe, por meio de sua experiência própria, que tal doutrina era falha. Nesta obra, então, Voltaire vê a experiência humana como o meio de se comprovar ou não uma idéia previamente aceite ou concebida, ou seja, a afirmação de uma

verdade não pode subsistir apenas no plano ideal. Ela deve ser "testada" para ter sua comprovação ou não. No caso das idéias políticas ou filosóficas, o laboratório de testes é a história. Em *Cândido*, a colocação da filosofia otimista sob comprovação teve uma resposta negativa. Percebe-se, então, que, nesse sentido, a construção de um conhecimento acerca da vida e dos homens em *Telêmaco* obedece ao mesmo esquema que seria seguido depois por Voltaire, entretanto, a colocação das idéias de Mentor sob o crivo histórico obteve uma resposta positiva tanto nos governos já constituídos (passado), como na reforma de Salento, contemporânea à narrativa (presente).

Porém, a capacidade de ação do homem na história possui o seu contraponto, ou o seu limite. O arcebispo de Cambrai não possuía uma perspectiva laicizada da história, com o homem totalmente responsável pelo curso da vida, apesar da liberdade de ação a ele conferida, como se pôde perceber. Fénelon era amigo de um dos principais pensadores franceses do Antigo Regime, Jacques Bossuet, fora inclusive seu protegido até a querela teológica em que os dois se envolveram em 1697. Além de importante obra política, Bossuet escreveu também, no campo da história, o *Discurso sobre a História Universal* (1681), no qual exibe o seu pensamento sobre a história. Nesta obra, a história "universal" resume-se ao Mediterrâneo, pois é aí que se passa a trajetória judeu-cristã. Para ele, a trajetória humana não passa da realização das profecias bíblicas, os homens não se explicam por si só, porém se tornam compreensíveis em função da predestinação divina, tudo concorre de forma que a profecia judeu-cristã se realize[20].

A posição de Fénelon é menos dogmática, porém, não exclui a ação divina na história. Em *As Aventuras de Telêmaco*, Deus apareceria, no início criando e iluminando a todos os homens com a razão, como se pode ver a seguir:

---

[20]LOPES, Marcos A. Voltaire Historiador: uma introdução ao pensamento histórico na época do iluminismo. Campinas: Papirus, 2001; e GUSDORF, Georges. op. cit.

> Conversou depois disso com Mentor a cerca da Primeira Potencia, que creou o Ceo, e a terra; daquella luz infinita que se communica a todos sem dividir-se; daquella verdade soberana, e universal, que illustra a todos os espíritos, qual Sol que allumia a todos os corpos. (...) verdadeiramente homens só saõ sobre a terra aquelles que consultaõ, que amaõ, e que seguem esta eterna razão.[21]

Deus aparece, então, como uma *Primeira Potência* criadora que, além da vida, deu aos homens a luz da razão para que estes possam sempre agir com correção. É importante ressaltar-se que o principal valor defendido na obra é a sabedoria, vista mesmo pela deusa Minerva que orienta o protagonista na trama, e a relação estabelecida é que sabedoria corresponde ao uso da razão, e este seria o caminho ideal para todo homem. Entretanto, esse não é o caminho seguido por todos, pois sempre existiria aquele

> (...) que nunca vio esta luz pura, he cégo, como os cégos de nascimento, passa a vida em profundas trevas (...). Assim saõ aquelles homens, a que arrastra o deleite dos sentidos, e encantos da fantasia (...).[22]

Assim, percebe-se que há uma autonomia humana na escolha entre a prática do bem ou do mal, e não uma pré-determinação. Essa autonomia deve ser aceita mesmo como condição pedagógica, de acordo com o proposto pelo romance, pois não haveria sentido em se pretender ensinar ou reformar os costumes humanos caso se acreditasse que a conduta positiva ou negativa estivesse já divinamente escolhida para cada um. O seguimento da reta conduta pelo homem faz com que ele seja livre

[21] Aventuras de Telêmaco, p.108.

[22] Ibidem, p.108.

em qualquer situação, *o homem verdadeiramente livre, he aquelle, que desabafado de sustos, e desejos, só se sujeita aos Deuses, e à razão*[23].

O homem teria a vida boa e livre então mediante as suas escolhas e condutas e, assim agindo corretamente, teria os "deuses" a seu favor. A garantia de sucesso dos homens que agem com acerto é dada por Deus. Da mesma forma, aquele que tem uma conduta viciosa, almejando os prazeres sensuais, o deleite e incorrendo em crimes, terá suas punições ainda em vida. O Deus onipresente faria com que tais criminosos se cruzassem utilizando-se deles próprios para castigá-los e fazer justiça. Nesse sentido, apesar daquela primeira liberdade humana de ação, a determinação última da ordem e dos destinos humanos permanece ligada a Deus. Essa idéia transparece no romance, mediante aqueles personagens bons, "favorecidos dos céus", aos quais os deuses não permitem que sejam acometidos por desgraças. O principal, claro, é Telêmaco, diretamente guardado por Minerva. Os mesmos maus reis, enquanto subsistem, só são admitidos pelos deuses pelo castigo que estes pretendem dar aos homens.

A tendência do pensamento acerca do curso dos homens e dos desígnios que estes teriam em suas vidas, desde fins do século XVII e durante o século XVIII, foi de cada vez mais afastar da história as determinações metafísicas. A história se anuncia e se realiza nos confrontos e relações humanos[24]. Entretanto, esse processo não se deu como em uma linha contínua de esclarecimento. Fénelon está imerso nesse processo que só pode ser compreendido analisando-se as discussões provocadas por tal tema, os avanços e recuos, as várias perspectivas que foram abordadas no tempo na tentativa de se entender a posição e a relação do homem no mundo e com o metafísico.

Fénelon não aceitou a posição de Malebranche que tentara unir o pensamento cristão ao cartesiano. A solução

---

[23] Ibidem, p.123.

[24] GUSDORF, Georges. op. cit; e CASSIRER, Ernst.. op. cit.

encontrada por Malebranche foi de identificar a ação de Deus no mundo apenas por medidas gerais, racionais, naturais e eternas. Dessa forma, Deus teria feito a sua grande obra no momento da Criação e dando à natureza uma dinâmica racional de ação. Deus não seria a Suprema Sabedoria se interviesse em sua obra, cuja perfeição é a *ordem*, em todo o momento; seria sábio, então, deixar a natureza agir conforme a ordem divinamente estabelecida, e permitir que os homens tomassem consciência da verdade e do pecado sem a Sua interferência. A única causa ocasional estabelecida por Deus foi Jesus Cristo. Percebe-se, aqui, o esforço de Malebranche em se entender o curso dos homens de uma forma mais natural e racional, sem, no entanto, excluir Deus[25]. Entretanto, para Fénelon, essa solução não dá a Deus toda a dimensão de sua importância na história. Para o nosso autor, Malebranche teria submetido a fé à filosofia, pois, segundo esta doutrina, por amor à sua Sabedoria, Deus deixaria ocorrer a livre condenação de todos os homens, já que não agiria "ocasionalmente" ou "particularmente"[26].

Essa posição de Fénelon pode ser comprovada em seu romance. Para garantir uma justa ordem entre os homens na terra, para não permitir que os bons tenham um destino infeliz por obra dos maus, Deus – ou no caso os deuses, devido à ambientação mitológica dada à narrativa –, agem diretamente na realidade material. O episódio da vitória de Telêmaco contra o ímpio rei Adrasto mostra bem isso, pois as artimanhas traiçoeiras deste derrotariam o filho de Ulisses caso Júpiter não agisse em seu favor. Entretanto, Fénelon não faz disso uma banalidade, como se os deuses corriqueiramente agissem na realidade humana segundo seus caprichos, tais ocasiões aparecem como situações especiais; num plano geral, os homens são livres e responsáveis por seus atos, e os episódios narrados são bastante naturais. A ação divina

[25] HAZARD, Paul. op. cit. p.109-115.

[26] Ibidem, loc. cit.

na realidade material aparece mais como uma forma de demonstrar a potência de Deus; o "maravilhoso" existente na obra mostra a ação divina realizando grandes acontecimentos. Pretende-se, assim, unir o verossímil ao maravilhoso e, com isso, ensinar que mesmo os homens mais valentes de nada valem sem os Deuses. O homem não pode nada sem a sabedoria divina.

A relação, portanto, entre Deus e a história humana aparece como um plano divino pelo melhor, de forma que a liberdade humana, concedida por Deus, permite os vícios dos homens e suas ações ímpias e injustas. A ordem justa é, no entanto, salvaguardada por Deus. Fénelon quer dar, então, a Deus um papel na história maior que o pretendido por Malebranche, sem chegar no total pré-estabelecimento de Bossuet. Deus é, em Fénelon, mais que a Primeira Potência, ou Primeira Sabedoria, que depois de sua grande obra afasta-se totalmente da história: Ele é onipresente e pode agir entre os homens, mas o destino destes, individual e coletivamente, depende de si próprios, ou seja, os caminhos e sucessos de cada um e da humanidade não estão predeterminados, como em Bossuet, pela Revelação bíblica.

O homem é responsável por seu sucesso presente e pela construção de uma sociedade melhor no futuro. Com efeito, no romance há uma visão negativa da sociedade e de seu momento histórico: *Estamos por tal modo estragados, que mal podemos crer que simplicidade taõ natural possa ser verdadeira*[27]. É claro que esta, assim como outras afirmações de repugnância aos costumes contemporâneos, feita na ficção, refere-se ao tempo reconstituído pela narrativa. Entretanto, acredito que se pode fazer uma correlação dos tempos entre a sociedade ficcional narrada e aquela em que Fénelon produziu sua obra. Como foi dito anteriormente, o artifício alegórico no romance permite que se use uma situação ficcional, mesmo "maravilhosa" ou "fantástica", para se fazer referências e críticas ao seu tempo. É importante que fique

[27] Aventuras de Telêmaco, p.181.

definida esta idéia para que possamos desenvolver um próximo aspecto acerca da idéia de história em *As Aventuras de Telêmaco*, a saber: o curso do tempo histórico.

A começar pelo tempo presente, viu-se que a perspectiva é de uma corrupção ou "estrago" dos costumes. Se o momento atual está "estragado", a idéia subjacente é que houve um momento, no passado, em que os costumes eram sadios. Vendo essa situação pelos olhos da mitologia greco-romana, a ficção de Fénelon localiza tal passado na Idade de Ouro. Na mitologia, a Idade de Ouro remete a um passado em que reinava Saturno. Este fora um tempo de paz e felicidade completas, havia justiça e todos os homens viviam em comum, em perfeita harmonia, e a terra, mesmo sem ser amanhada produzia todo o necessário para os homens. No romance, há a descrição da cidade da Bética, a mais harmoniosa, e com a sociedade mais virtuosa existente:

> quando começámos a commerciar com estes Póvos (os béticos), vimos que faziaõ do ouro, e prata o mesmo uso, que do ferro, por exemplo, para as relhas dos arados; porque como naõ mercadejavaõ com Naçaõ alguma, era-lhes escusado ter moeda. Quasi todos saõ lavradores, ou Pastores, e há poucos Artífices, pois só querem aquellas Artes, que servem para as verdadeiras precisões;e até a maior parte dos homens neste Paiz, posto que dados a Agricultura, ou guarda de rebanhos, não deixaõ de praticar as Artes, de que necessita o seu gênero de vida simples e frugal[28].

A Bética foi uma província romana situada na Andaluzia; dentre outras coisas, sua localização permitiu "com que neste Paiz se tem conservado todas as delicias da *idade de ouro*"[29].

O passado mítico e idealizado dos antigos é retomado no romance, colocando-se, porém, nessa época de ouro, aqueles

[28] Ibidem, p.174-5.

[29] Ibidem, p.174. (Itálico meu)

atributos que para Fénelon seriam constitutivos de um passado melhor, mas que fora perdido. O principal fato que faz com que todos os costumes da Bética tivessem conservado a sua pureza do passado e não fossem estragados no curso da história foi o seu desapego às artes supérfluas, cultivando apenas as úteis à produção dos bens necessários à vida:

> Os homens, além da agricultura das terras, e guarda dos rebanhos, não se daõ a outro officio mais que o de Carpinteiro, e Ferreiro, e até pouco uso fazem do ferro, senaõ he para os instrumentos da lavoura. Saõ-lhe inúteis todas as Artes, que dizem respeito à Arquitectura, pois nunca edificam casas, e dizem que he desmesurado apego à terra fazer nella morada, que dure muito mais que nós, e que sóbra abrigar-se cada qual nas inclemencias do ar. Abominaõ todas as Artes taõ prezadas dos Gregos, e Egypcios, e mais Nações policiadas, como invenções da vaidade, e affeminaçaõ[30].

As artes de "gregos e egípcios", *soberbos edifícios, móveis de ouro, e prata, (...) sedas bordadas, jóias, aromas exquisitos, guizados delicados, e instrumentos, cuja harmonia encanta*[31], são cultivadas por povos que perderam a harmonia com a natureza, efeminaram-se e já não podem conviver solidariamente uns com os outros.

> Esses Póvos saõ bem desgraçados, por ter empregado tanta fadiga, e industria em damnar-se a si proprios. Esse superfluo enerva, desacorda, e atormenta aos mesmos, que o desfructaõ. Serve de accender, naquelles que o naõ tem, desejos de adquirllo com injustiça, e violencia. Merece por ventura o nome de bem, o superfluo, que só serve de estragar os homens? Por ventura os homens desses paízes saõ mais sadios, e robustos que nós (os béticos), mais unidos entre si? Passaõ a vida com mais

[30] Ibidem, p.175.

[31] Ibidem, p.175.

> liberdade, socego, e alegria? Naõ, antes pelo contrario, haõ de ser ciosos huns dos outros, e huma vil, e negra inveja lhes há de consumir as entranhas: a ambiçaõ, e o temor, e a avareza sempre os inquieta, e saõ incapazes dos prazeres puros, e simples, como escravos que saõ de tantas precisões fantásticas, de que põem em dependência a sua dita, e ventura[32].

A Bética aparece, no romance, como um "país" que conservara as características do passado, evitando aquilo que provocara a corrupção dos costumes em outras partes. Assim, a referência à Bética torna-se uma menção a um passado bastante longínquo, e a idealização desse passado responde às demandas do presente de Fénelon. Se podemos ler os bons governos descritos no romance como um contraponto aos defeitos dos governos de sua época, especialmente o governo francês, a Bética é o contraponto, remetendo a um espaço-tempo no qual se verificava que os costumes nem sempre foram como se apresentavam à época de Fénelon. A leitura feita desse passado é especificamente datada, a questão que se quer levantar com esse repúdio às artes, roupas de sedas bordadas, arquitetura suntuosa e móveis de ouro é cara ao Antigo Regime, à distinção entre o ser e o parecer. Para Fénelon, as artes são a causa de tal distinção. O desenvolvimento delas fez com que os homens se preocupassem em ter e exibir roupas, guisados e outros supérfluos que constituiriam o *parecer*. Esta aparência, como se viu, é extremamente negativa, pois torna os homens invejosos, temerosos e ciosos uns dos outros. É importante perceber que a leitura feita do passado responde a uma questão contemporânea a Fénelon e que o uso desse passado serve para mostrar uma época melhor em que os costumes "atuais" ainda não existiam.

As causas que fizeram com que a Bética "parasse no tempo" são de duas ordens. A primeira é geográfica, sua posição tornava difícil que os outros povos (corrompidos) chegassem a este

[32] Ibidem, p.175-6.

país e que os seus homens constantemente saíssem para conhecer estas gentes. Apesar desse intercâmbio não ser freqüente, os béticos sabiam como se portavam os outros povos, assim, a principal razão para que conservassem tão saudáveis costumes era a sua sabedoria. Esta sociedade constituía-se de homens em que não se via *outra distinçaõ, mais do que aquela, que nasce da experiencia dos Anciãos sisudos, ou da extraordinaria sisudeza de alguns mancebos, que hombreaõ com os velhos consummados na virtude*[33]. Os seus costumes e governo seriam bons porque seguiam a sabedoria, mas não eram sábios pela graça divina, e sim pelo empenho e estudo próprios: "*desta maneira, he que se explicaõ estes homens sábios, que aprendêraõ a sello, estudando*".[34]

Ora, apesar de constituírem uma sociedade que pertencia ao passado da humanidade, os béticos não eram assim porque seriam rústicos ou porque não conheciam os "avanços" das civilidades de outras praças. Pelo contrário, eles os conheciam e os utilizavam quando úteis e não para se produzir luxos desnecessários. Isso fez com que conservem no presente as benesses passadas e tenham uma comunidade sã, ou seja, a boa vida, o bom governo e os bons costumes são frutos de deliberações humanas. Voltando à discussão feita acima, Fénelon faz questão de ressaltar a grandeza divina e o poder que conserva sobre Sua obra, mas a responsabilidade pela construção da história é fundamentalmente humana. É por isso que os béticos têm, no tempo presente, o que havia de bom no passado; foram os homens que não permitiram que se corrompesse; da mesma forma foram os homens que, nas outras localidades, não souberam usar a sua sabedoria e se "estragaram".

A Bética é contemporânea à narrativa, sendo também a imagem de um passado idealizado; e esse passado torna-se utopia quando colocado na perspectiva dos homens fora desse espaço. O

[33] Ibidem, p.177.

[34] Ibidem, p.176.

horizonte utópico conforma-se, pois, se aqueles homens, por ação e responsabilidade suas, mantiveram aquela harmonia perfeita, é possível construí-la também fora daí, sendo esta obra também de responsabilidade daqueles mesmos homens que se corromperam. Há ainda, no romance, como Fénelon imagina a sociedade e a política recuperadas, o que não significa uma proposta de volta ou de reconstrução do passado, mas assenta-se numa confiança na capacidade humana de aprendizado de construção de sua história, mas este é assunto para um próximo trabalho.

Referências

Fonte

Aventuras de Telêmaco, Filho de Ulisses, por Francisco de Salignac da Motha Fénelon, Arcebispo, e Duque de Cambraia, &c. Traduzidas do Francez em Portuguez com hum discurso sobre a Poesia Épica, e Excellencia do Poema de Telêmaco, e Notas Geograficas, e Mythologicas para intelligencia do mesmo Poema. Lisboa, NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA. 1785. Com licença da Real Meza Censoria.

Bibliografia Crítica

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.

_____*Os Caminhos dos Livros*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.

ADAM, Antoine. *Histoire de la Littérature Française au XVIIe Siècle: la fin de l'école classique 1680-1715*. Paris: Éditions Domat, 1956. (Tome V).

BARTHES, Roland. Da História ao real. In.: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CAGNAC, M. Moïse. Introduction. In.: *Pages Choisis des Grands Écrivans: Fénelon*. Paris: Librairie Armand Colin, 1911.

CANDIDO, Antonio. "O Patriarca" e "Timidez do Romance". In: Educação pela Noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. 3.ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.

CRISTOVÃO, Fernando Alves. *Presença de Fénelon no Espaço Literário Luso-Brasileiro*: subsídios para um estudo. Paris: Fondation Calouste Bulbenkian, 1983.

DIAS, Maria Odila da Silva. *Aspectos da Ilustração no Brasil*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, N.º 278, 1968.

DUCHET, Michèle. *Antropología e Historia en el siglo de las luces*. México: Siglo Veintiuno, 1975.

FURET, François. *A Oficina da História*. Lisboa: Gradiva, 1986.

GIL, Antonio Carlos Amador. A História, o Ensino de História e a Revolução no Século XVIII. Revista de História, Editora da Universidade do Espírito Santo, n.7, p.31-45, 1998.

GUSDORF, Georges. *Les Príncipes de la Pensée au Siècle des Lumières*. Paris: Payot, 1971.

_____. La Connaisssance Historique. In: *L'avènement des sciences humaines au siècle des lumières*. Paris: Payot, 1973, p.371-428.

HAZARD, Paul. *O pensamento europeu no século XVIII*. Portugal: Editora Presença; Brasil: Livraria Martins Fontes: 1974.(Vol. I e II).

_____. *Crise da Consciência Européia*. Trad. Óscar de Freitas Lopes. Lisboa: Edições Cosmos, 1971.

LÄMMERT, Eberhard. "História é um esboço": a nova autenticidade narrativa na historiografia e no romance. *Estudos Avançados*, São Paulo, 9 (23): 289-308, 1995.

LISBOA, João Luís. O papel da história entre os leitores do século XVIII. *Ler História,* Lisboa, (24): 5-15, 1993.

LOPES, Marcos A. *O Político na Modernidade*: *Moral* e *Virtude* nos espelhos de príncipes da *Idade Clássica* (1640-1700). São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____.*Voltaire Literário*: Horizontes históricos. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____.*Voltaire Historiador*: uma introdução ao pensamento histórico na época do iluminismo. Campinas: Papirus, 2001.

_____.Tensões da realeza sagrada no século XVII: Bossuet interlocutor de Maquiavel. In: *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, vol. 8, nº 1, 2002, p.109-124.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In.: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. (org). *História da Vida Privada 3*: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno.* Trad. Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUZA, Maria das Graças de. *Ilustração e História*: o pensamento sobre história no Iluminismo francês. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

STAROBINSKI. *Jean. Jean-Jacques Rousseau*: a transparência e o obstáculo. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VASCONCELOS, Sandra G. T. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. Tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2000.

_____. *Formação do Romance Brasileiro*: 1808-1860(Vertentes Inglesas). Texto disponível no *site* "Memórias de Leitura" *http://www.unicamp.br/iel/memoria/* (acessado em 13/03/2004).

VOLTAIRE. *Cândido, ou, O Otimismo*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo Ilustrado, Censura e Práticas de Leitura*: Usos do Livro na América Portuguesa. São Paulo: FFLCH-USP, 1999[Tese de Doutorado]

_____. Os Romances e os Livros de Belas Letras na Circulação livreira entre Portugal e as Capitanias Setentrionais da América Portuguesa (1769-1821): alguns aspectos quantitativos. I Colóquio Internacional de História do Livro e da Leitura do Ceará [Comunicação], realizado de 29 a 30 de maio de 2004.

WATT, Ian. A Ascensão do Romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

João Paulo Martins - Mestrando em História e Culturas Políticas no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais.

Recebido em: 10/12/2006
Aceito em: 15/03/2007